

Manejos de políticos

Desta vez parece ser certo que Afonso Costa se dispõe a ser ministro da república. E caso curioso, tendo o estadista evitado tantas vezes ir ao poder, agora é tal o seu empenho em dar-se ao sacrifício da governação pública que, para o suportar, vai até à acção revolucionária.

Basta ler o "Mundo" e a réplica que lhe deu o parlamento António Maria da Silva para se ficar sabendo que alguma coisa se prepara na sombra. O *factum* do dr. Afonso Costa dispõe a Alta Venda para um assalto ao poder, onde ficará instalado o grande amigo.

Sabendo-se a relutância que Afonso Costa no tempo das suas máguas manifestava por assumir as responsabilidades do poder, dizendo sempre que as tomaria quando chegasse a ocasião oportuna, não é de estranhar que essa ocasião seja precisamente a do período em que se vai negociar o contrato dos tabacos? Enquanto se tratou apenas dos interesses gerais do país o estadista não estava em casa. Surge, porém, o contrato dos tabacos, um assunto que toda a gente diz ser um negócio rendoso e o estadista acode pressuroso para salvar o país e isto quando os republicanos por toda a parte dizem que já não é preciso salvá-lo porque com a alta cambial qualquer ministro, até mesmo o Daniel Rodrigues, é capaz de dar conta do recado.

Não é pois o estadista que vai ao poder mas o advogado, advogado por ventura da Companhia dos Tabacos, como o é da Companhia dos Fósforos e do Banco Nacional Ultramarino. E consentirá a opinião pública que assim suceda?

Depois dos escândalos de Angola em que se envolveu Norton de Matos, a seguir premiado com a embaixada de Londres, nada mais natural que a Afonso Costa seja permitido tomar parte no regabofe. Porque o contrato dos tabacos não dá menos margem para isso do que um alto comissariado nas colónias.

Além deste aspecto da questão, não podemos deixar de acentuar que Afonso Costa é um inimigo do operariado. Apesar da sua tese da Universidade de Coimbra sobre a *Questão Social*, em que defendia a doutrina socialista, Afonso Costa é o homem da conferência sobre sindicalismo e clericalismo na Imprensa Nacional e o homem da repressão violenta das greves. Nunca o poderemos esquecer, não podendo deixar de sentir uma má disposição contra o facto de o vermos mais uma vez assumir o poder, onde não poderá fazer coisa boa e útil, a não ser para si próprio.

Por isso quer ele venha trazido por um movimento armado (a tanto obriga o apertado contrato dos tabacos!), quer apareça no poder mediante uma indicação constitucional e cumpridas todas as formalidades parlamentares, para nós será sempre o mesmo Afonso Costa, elemento demasiadamente suspeito para o operariado e que nunca por este poder ser visto com bons olhos. Qualquer solução política seria preferível a um ministério de que faça parte este estadista *double* de advogado e que no poder nunca soube esquecer os seus interesses particulares.

A moral dêles

Comentando a atitude dos funcionários do Comissariado dos Abastecimentos que foram ao parlamento entregar uma representação ponderando a situação lastimosa em que vão ficar, se persistir o propósito de extinção do referido Comissariado—*A Epoca* agachava por apontar aos empregados o caminho dos campos que lutam com falta de braços que os cultive.

Este comentário do órgão católico carece de fundamento porque os campos se estão incultos não é por falta de braços—que neste momento sobejam—mas por falta de escrúpulos dos seus proprietários que destinam largos tratos de terreno a pastagens de gado, negócio mais rendoso e menos trabalhoso.

A *Epoca*, que está ao lado dos lavradores parasitas, mostrou desejo de que existisse abundância e excesso de braços porque sabe que esse facto implica uma diminuição de salários e um aumento de lucros para os capitalistas que não produzem.

PERANTE O SONO DA CARIDADE CRISTÃ... A arcada do pesadelo ou uma enfermaria do hospital de São José...

Foi um amigo enfermo que me atraiu lá. Eu não conhecia o hospital de São José. Conhecer o hospital, é conhecer as enfermarias—e eu nunca havia passado dos corredores, do pátio conventual; eu só guardava do hospital a visão dos seus azulejos e dessas figuras de santos que, em pedra, fazem sentinela à porta...

Um dia, é verdade, entrei no quarto onde agonizava o general Dantas Baracho. A janela estava cerrada—e na penumbra reinante e sob a respiração adusta do moribundo, o recinto pareceu-me confortável, parecia-me mesmo tolerável...

Mas eu não conhecia as enfermarias—e estas constituem os bastidores do hospital, esses bastidores dos quais os corredores, acedados, são o ilusório e falar pano de fundo...

E aquele amigo enfermo desfez minhas ilusões, revelou-me desde o seu leito de pária, toda a arcada das enfermarias—das enfermarias que são ali os gótiços onde se empilham as dores ignoradas da cidade, os sofrimentos que não têm a protecção dos escudos de ouro da Fortuna...

São cinquenta camas acumuladas ali, umas ao lado das outras, em fila, como nos dormitórios dos quartéis.

Separar a menos dum passo—estão tam perto umas das outras que eu penso nesses leitos dos colégios internos, onde os alunos saltam de noite, em folgoes irreverentes e perturbando o silêncio imposto pelos directores.

Mas não. A enfermaria não tem essa alegria infantil, branca, pulcra, dos dormitórios ou colégios internos. A enfermaria é lóbrega, é fantástica—e foi criada não para curar, mas para aterrar a própria doença.

O ferro das camas está sujo, macerado, corroido, aqui e ali, por ferrugem. Sujas estão as janelas e sob a arcada estadeiam-se grandes nódos, como florações submari-nas. Tudo ali é triste. A promiscuidade é absoluta. Todos os actos prosaicos da vida se fazem em comum—os olhares dos doentes devassam-se mutuamente—quem tiver sensibilidade, tem de fugir dali, tem de clamar a sua liberdade, nem que saiba que vem morrer à saída do hospital, sob a impassibilidade dos santos de pedra.

Tudo ali é triste, desolado—sente-se a necessidade da morte, mais do que a ansia de restabelecer o corpo enfermo. Morrer, é conquistar a liberdade, é conquistar a «alta» definitiva, é sair daquela arcada onde se sepulta a própria luz do sol.

E por isso que muita gente vai morrer ao hospital—é que ali, ante o desprazo supremo, tem-se mais coragem de enfrentar a morte...

A mesinha de cabeceira... Uma plataforma de ferro tendo fezes em baixo, à vista de todos os enfermos, e em cima a louça esmalhada, sarrenta e onde é servida a água e o leite...

Eu não podia, eu não podia estar ali. Agora mesmo a minha sensibilidade contrai-se, ao recordar a cena vislumbrada quando fui visitar o amigo enfermo,—ago-

ra mesmo eu sinto-me indisposto ao lembrar-me de que aquelas cinquenta camas continuam ocupadas por indivíduos que desconhecem, não sei quem são nem donde vêm—e que amanhã sairão dali, para o cemitério ou para a rua, dando o lugar a outros, a outros...

Aquilo, de noite, deve entrar nos domínios do pesadelo, quando, nas trevas dominantes, um dos enfermos se ergue sobre o leito, com seu camisolão branco, fantástico.

A luz apaga-se às oito horas. Duzentos, trezentos indivíduos, que passam as enfermarias do hospital e quasi todos êles com doenças diferentes, com temperamentos diversos, estão sujeitos à mesma regra—regra técnica e inexorável.

E com as trevas vem a orquestra dos queixumes, dos gemidos. A enfermaria às nove horas da noite, quando a cidade se apresta para demandar os salões mundanos, os teatros, os cinemas ou os cafés, é já uma mansão de horror, onde a insónia tem crispas de serpente ferida.

E aquela palmeira triste que está ao centro, cria frondosidades estranhas, malabarescas, perante os olhos insones.

E as feridas dos enfermos, surpreendidas durante o dia, dilatam-se nas pupilas dos que não dormem e atingem as proporções dessas posas famintas que devoram o corpo dos leprosos.

Tudo aquilo deve entrar em alucinação, —e de manhã os enfermos que nunca tiveram um regime de caserna devem estar semi-nus e contraindo, sobre a cama desfeita pelo martirio nocturno.

Como amanhecerá, após estas noites de inverno, aquele velho esquálido, de longa barba e olhar dóce, —aquele velho já quasi transparente que eu vi no leito 26, quando fui visitar o meu amigo enfermo?

E aquele outro, que tinha um braço amputado e que à hora da visita não tinha ninguém a rodear-lhe o leito? Que novos sofrimentos criará agora neste mesmo momento em que escrevo, a esses cinquenta indivíduos que meus olhos viram quando visitei a enfermaria? Viverá ainda aquele que estava junto da janela, com as mãos morenas e ossudas chegadas sempre sobre o peito? Ou ter-se-á evadido dali, para se recolher à paz tranquila do túmulo?

E a vida podia ser tão diferente! Aquilo não é solidiedade humana. Aquilo ali é um curral. O homem ali está sujeito à condição de carneiro, é dizer, à condição de rebanho.

Falta dinheiro? Mas onde está a caridade cristã? Onde está a caridade burguesa? Está fechada nos cafés, está hipnotizada pelo ouro... Está em estado letárgico. Dorme a caridade, —dorme essa infável virtude burguesa, nascida para afrontar o amor próprio dos homens livres. Dorme e decerto espera que a não acordem a tiros de canhão. Viverá ainda, meu velho de olhar dóce e de barbas venerandas, para decepar a avara mão que só muito tarde se soube abrir?

FERRERA DE CASTRO

Um "cache-col" roubado por um polícia

Dizia-nos, há dias, um bom burguês, conservador até à medula, cujas considerações ponderadas escutamos, às vezes, por desfastio, que a polícia é hoje uma corporação tam perigosa para a vida e haveres dos cidadãos pacíficos que acha urgente a organização duma polícia especial que traga, debaixo de olho vigilante, os cavalheiros fardados e por fardar que, incumbidos pelo Estado de olhar por nós, causam o sobresalto e o desassossego de toda a gente de bem.

Ora, em parte, o bom burguês que tam criterioso alvitre expendeu, tem carradas de razão. Com uma polícia como a que por aí está, quem poderá andar descansado? Confessamos que, embora não sejamos dos mais medrosos, quando por sorte passamos junto dum polícia esperamos sempre ser acatilhados pelas costas ou atravessados por uma bala.

Constantemente chega até nós o eco de proezas bárbaras praticadas pelos briosos componentes da não menos briosa corporação. Uns são bêbedos, como aquele que há dias se suicidou na esquadra do Alto do Pina, sem que os seus colegas tivessem tido tempo de impedir o seu trágico gesto; outros, bárbaros, como os factos sangrentos constantemente o demonstram; outros ainda, tam ladrões como os ladrões que prendem.

Em abono desta última afirmação está o sucedido há dias e que vamos relatar. Joaquim Esteves, vendedor de jornais, no domingo à noite, entrou inadvertidamente pelos domínios da bebedeira, pelo que o conhecido agente da esquadra das Mercês, o illustíssimo e excellentíssimo sr. «Sebento» o levou preso para o governo civil onde respondeu no tribunal dos pequenos delitos.

Evolados os fumos perturbantes do álcool ingerido, o Esteves deu por falta dum «cache-col» de seda e qual não foi o seu espanto ao verificar que o precioso abafo se encontrava ao pescoço do já citado excellentíssimo «Sebento».

Este apossara-se indevidamente—para não dizermos roubar—um objecto que não lhe pertencia.

Aquele burguês que trouxemos a público com as suas opiniões sensatas, ao saber deste interessante caso de criminalologia policial não dormirá descansado—e em breve lhe aturaremos a costumada cantilena da necessidade de se criar uma polícia especial para guardar a polícia. Nós, mais radicais, alvitramos mais sensatamente a necessidade de se acabar com a polícia.

Uma prisão

Foi ontem preso Daniel Severino, recolhendo incommunicável à esquadra da Santa Marta.

O desfalque do Montepio Nacional

O seu autor gosa de liberdade e os inocentes são vítimas de suspeição

O desfalque de 1.200 contos feito no Montepio Nacional tinha um autor: o sr. Ernesto Magno que foi preso, depois de como avariado do cérebro e metido na casa de saúde do Telhal. É claro que o sr. Magno gosa de excelente saúde mental pois que soube, com perfeito conhecimento da psicologia policial, conseguir recuperar a liberdade. É certo que a polícia ordenou de novo a sua captura, mas deu-lhe o tempo a que êle se ausentasse de modo a não voltar a ser preso nem a ser ingratu com qualquer confusão ou benevolência que o beneficiou.

Porém o *Seculo* deu-lhe logo fama de inocente e proclamou a necessidade de se procurar aos gatumos. Os empregados do Montepio Nacional foram aquele jornal referir que não era justo ferir com uma suspensão empregados nem era necessário procurar aos gatumos visto terem posto o sr. Ernesto Magno em liberdade apesar de ter confessado ser o autor do desfalque e, por seu próprio punho, ter assinado essa confissão.

O *Seculo* não publicou a referida carta, motivo que levou os empregados do Montepio Nacional a procurar-nos para nos relatar o que acima fica dito.

Não tem, porém, os reclamantes motivo para extranezas pois que é já velho o preceito seguido de a benevolência ser grande quando os roubos são avultados.

Realmente um desfalque de 1.200 contos torna respeitavel quem o pratica. A prova está no sr. Magno estar em liberdade, ao passo que desvios de pequenas importâncias dão a quem os pratica, severíssimas penalidades.

"A Epoca" e as forças vivas

Grato nos é registar que *A Epoca* veritica-se, como nós verificamos, a ganância desmedida do comércio que ainda não achou horas de fazer baixar o custo dos gêneros, embora o câmbio há muito tempo esteja indicando o caminho do embarequecimento.

Ainda bem que *A Epoca*, defensora acérrima das forças vivas, confessa a desonestidade desses cavalheiros que não há muitos dias elevava aos pináculos da honra e da sa moral.

Esqueceu-se *A Epoca* de frizar que as forças vivas—ao mesmo tempo que forçam a carestia da vida—pretendem fazer baixar os salários a pretexto duma descida de preços que não fizeram.

Trata-se duma verdadeira armadilha para avarhar o povo incauto.

A Universidade Popular Portuguesa vai ressurgir

Alexandre Vieira, que faz parte da sua direcção, diz à «Batalha» o que vai ser a acção da prestimosa colectividade

Não ignoram os leitores que a Universidade Popular Portuguesa, instituição que tantos e tão excelentes serviços tem prestado à educação e instrução do povo, esteve quasi a desaparecer, em virtude do Estado não lhe haver pago durante bastante tempo, o insinificante subsídio que em tempos o parlamento lhe fixara, e não só por isso, mas também porque, contando embora a sua frente alguns elementos dedicadíssimos, entre os quais justo é destacar o dr. sr. Ferreira de Macedo—a alma da Universidade—esses elementos, homens que vivem do seu trabalho, não podiam consagrar-lhe tanto tempo quanto o que seria necessário para que a Universidade Popular pudesse regularmente desempenhar o importante papel para que fora criada.

Chegou-nos, porém, há pouco a notícia de que felizmente a Universidade Popular, que tantas simpatias conta em todos os meios, e sobretudo na classe operária, vai ressurgir, notícia que recebemos com justificado alvoroço. Foi recentemente mandada satisfazer pelo governo a importância em dívida, tendo sido em seguida eleito um novo conselho administrativo, em que aolado de velhos e dedicados cooperadores da benemérita instituição, como os drs. sr. Ferreira de Macedo, Urbano de Castro, S. S. e Oliveira e Ezequiel de Moraes, apparecem outros homens de comprovada boa-vontade, como os nossos amigos professores dr. Adolfo Lima e o artista pintor Armando de Lucena e os camaradas José Carlos de Sousa, Augusto Carlos Rodrigues, Adriano Botelho, Alexandre Vieira, Manuel da Conceição Afonso e Alfredo Marques.

Ao mesmo tempo que nos chegavam estas informações, outras vinham até nós: que o novo conselho administrativo, que já tem realizado algumas reuniões, prepara uma série de trabalhos de alto interesse para o ano educativo que deve começar em Dezembro.

Conferências sobre viagens

No propósito de inteirar os leitores de *A Batalha* do que se propõe realizar a Universidade Popular Portuguesa, interrogámos um dos seus novos directores, o camarada Alexandre Vieira, a quem dissemos:

—Sabemos que fazes parte do conselho administrativo da Universidade Popular. Explica-nos, em primeiro lugar, por que é que, tendo dado até agora a tua actividade ao movimento sindicalista, vais passar a trabalhar numa instituição de carácter educativo.

—Suponho—respondeu o nosso amigo—que dedicando-me, na medida das minhas actuais possibilidades, à obra da Universidade Popular, de algum modo continuo trabalhando pela valorização do operariado e, implicitamente, da minha própria pessoa, que nunca se preocupou exclusivamente com as coisas materiais, mas também com as do espirito. Encontro-me de resto perfeitamente à vontade na Universidade Popular, que, como sabes, é uma instituição com carácter neutro em matéria politica e religiosa.

—Em que consistem os projectos do novo conselho administrativo?—inquirimos.

—Afiguram-se-me interessantíssimos, e estou certo que vais já concordar comigo. Pensa a nova direcção, ou melhor, trabalha já no sentido de levar a efeito, na sede, uma série de conferencias sobre viagens, para o que conta com o concurso de várias individualidades que têm percorrido o estrangeiro. Assim, para falarem sobre a Bélgica, Suíça, Espanha, Itália, Brasil e Alemanha, recordo-me que estão indicados, respectivamente, os nomes dos sr. António Arroio, Emilio Costa, Antero de Figueiredo, Jaime Cortesão, Bettencourt Rodrigues e Veiga Simões, não podendo precisar agora os nomes dos conferentes que falarão sobre outros países. Essas conferencias serão acompanhadas de *films* adequados. Além dessa série, prosseguirá a das *Questões morais e sociais na literatura*, pelos professores Câmara Reis e Sá e Oliveira, com leitura de trechos de vários autores, leitura que será feita não só pelos referidos professores, mas também por outras pessoas, sobretudo estudantes.

Exposição das várias doutrinas sociais

—E que mais?—volvemos.

—Trabalha-se também para a realização duma outra série, não menos interessante, de conferencias, que estou convencido despertar enorme interesse. Trata-se da exposição das várias doutrinas sociais, que será feita por militantes dessas ideias, estando indicados para falarem, reciprocamente, sobre Integralismo, Democratismo, Comunismo, Anarquismo e Sindicalismo, os sr. António Sardinha, Raúl Prouença, Carlos Rates, Campos Lima e Manuel Gonçalves Vidal. Esta série, a primeira a efectuar na sede, será encerrada com uma ou duas conferencias do dr. sr. José de Magalhães, que fará uma análise daquelas diversas doutrinas.

—Excelente.—E que mais se propõe levar a efeito o conselho administrativo?—preguntámos.

—Criar dois cursos, que funcionarão alternadamente na sede da Universidade, um destinado a senhoras, sobre puericultura, para dirigir o qual deve talvez ter sido já convidada a doutora D. Adelaide Cabete, e outro, de que se encarrega o professor Emílio Costa, sobre coisas da vida pratica, que tem por fim habilitar os elementos activos da classe operária com alguns indispensáveis conhecimentos relativos à lingua portuguesa, historia universal, hygiene e administração.

—Não pode deixar de merecer o nosso mais vivo aplauso semelhante empreendimento—dissemos.

—Prosseguindo, o nosso amigo acrescentou:

—Mas há mais. Teremos ainda séries de arte para os sócios da Universidade—um talvez por semana—que constarão, além

doutros, números interessantes, de trechos de boa música, cantados e tocados por alguns dos nossos mais distintos artistas, com conferencias adequadas. E no que respeita à parte de declamação, contamos, além doutros elementos, com o concurso valioso do professor Araújo Pereira e da sua escola, concurso que nos foi gentilmente oferecido. Dêsse pelouro está encarregado o distinto pintor Armando de Lucena.

Vão ser criadas mais secções nos sindicatos

—E quanto às secções da Universidade, mantêm-se as que existiam?

—Continuam as que existiam nos Sindicatos do Pessoal do Arsenal do Exército e dos Metalúrgicos e na secção de Belém. Pensamos, porém, em criar mais quatro secções: uma na sede do Sindicato Unico da Construção Civil, neste mesmo edificio; outra no Sindicato Unico Mobiliário, à travessa de Agua do Flor; a terceira no dos Chaffeurs, ao largo de São Domingos e a ultima na secção da Construção Civil do Alto do Pina, que, como sabemos, é um bairro muito popular. Além disso, devemos em breve prosseguir com os trabalhos necessários à criação, em Setúbal, duma secção da Universidade Popular Portuguesa, com vida autónoma, indo assim ao encontro dos desejos por mais duma vez manifestados por vários indivíduos e associações daquela cidade.

—Quanto à publicação do órgão, na imprensa, da Universidade Popular que tens a anunciar-nos?

—Que deve reaparecer, talvez, em Janeiro, agora dirigido pelo dr. Adolfo Lima, que é o encarregado da *Educação Popular* e da secção de edições da Universidade, assuntos que na ultima reunião do conselho mereceram detido exame.

—Sobre a biblioteca da Universidade de que se te refere dizer-nos?

—Que parte dos 10.000 volumes que possui, vão girar pelos locais onde é necessário lêr-se, tendo-se resolvido mandar fazer uns armários próprios a receber algumas dezenas dos referidos volumes, para serem enviados às secções que não formam bibliotecas.

—E as conferencias a realizar nas secções serão acompanhadas de projecções cinematográficas?

—Evidentemente—respondeu Vieira. Foi até mesmo uma das primeiras preocupações do novo conselho administrativo, que está procurando adquirir no estrangeiro um cinema portátil, que será levado a todos os locais onde a Universidade realizará conferencias, com *films* educativos, o que contribuirá para tornar aqueles de-veras atracções.

São ainda mais vastos os projectos do actual conselho administrativo da Universidade Popular Portuguesa, segundo o que nós foi dito no decorrer da conversa por Alexandre Vieira. Concordemos, porém, que se ela conseguir levar por diante o que acima é enunciado, terá já realizado a favor da moderna cultura popular um trabalho valiosíssimo.

Os eléctricos

Neste país onde os poderosos mandam, a Companhia Carris de Ferro tem feito o que lhe tem apetecido. Aumentos de tarifas obteve o que quiz, eacontrando sempre, salvo raras excepções—vereações condescendentes que lhos aprovaram.

A veração actual que, na verdade, tem oferecido maior resistência às ambições do sindicato de Santo Amaro, na sua sessão plenária resolveu, por unanimidade, convidar o presidente da Comissão Executiva a intimar a referida Companhia a reduzir as tarifas em harmonia com a baixa da libra.

As tarifas têm de passar, portanto, para \$40, \$60, \$70, \$80 e \$90 para uma, duas, três, quatro e cinco zonas, respectivamente. Agora que o sr. Freiria está muito desacreditado pela amizade que o liga à Companhia Carris, é possível que ela se resolva a descer tam rapidamente o preço das passagens, como rapidamente o elevou.

O nosso suplemento literário

O suplemento literário de *A Batalha* no seu numero de amanhã publica, além das suas secções habituais, os seguintes artigos: *A reacção espanhola e as ultimas execuções*; *O direito do Habeas-corpus*; *História dum vagabundo*—O dia da vingança por Vasco da Fonseca; *Paradoxos bárbaros*—Da moral—por Jaime Brasil; *Uma figura da noite* por Ferreira de Castro; *Vida literária*—Fialho de Almeida—por Julião Quintinha (com retrato).

Ilustram o numero que é amanhã posto à venda o amator-fotográfico António dos Santos e os caricaturistas Stuart Carvalhais e Alfredo Cândido.

CONFERÊNCIAS

A propriedade entre os diferentes povos do mundo

Na sede da Associação dos Empregados de Escritório, rua da Madalena, 225, 1.º, e a convite desta, realiza hoje o grupo anarquista «O Semeador», pelas 21 horas, por intermédio do seu componente, José Carlos de Sousa, uma conferencia subordinada ao tema «A propriedade entre os diferentes povos do mundo», segunda da série intitulada «A Propriedade».

No proximo domingo 23, realizar-se há a terceira e ultima desta serie, com o tema: «Consequências da propriedade privada na vida dos trabalhadores».

Intelectuais e Manuais

«Pela boca morre o peixe», se diz, e é bem certo.

Tendo proclamado que não valia a pena gastar tempo a discutir a questão dos manuais e intelectuais, cá volto a tratar dela. Alguém, um *manual*, disse-me que não falara na questão era um meio cómodo de fugir a confessar a verdade: «que se os intelectuais experimentassem as doçuras do trabalho manual, depressa reconheceriam os direitos que aos manuais assistem, e que os intelectuais não reconhecem, por mais debatida que seja a questão». Vou, então, explicar-me.

O facto de muitos intelectuais julgarem o trabalho manual inferior, nada quer dizer para a solução do problema, que é dada pelas condições da vida social e não pela opinião de uns ou outros; e prova apenas que esses intelectuais são ignorantes e mais nada. Mas a ignorância também existe do outro lado, onde o desdém pelos intelectuais se manifesta demasiadamente.

A propósito, lembro o seguinte caso:

O pintor francês, creio que é francês, Pierre Falké foi mobilizado, por ocasião da grande guerra, como soldado de segunda classe, numa companhia de engenharia. O primeiro trabalho que teve a executar com os soldados da sua companhia, foi cavar com uma picareta.

Não tendo nunca tido ocasião de se servir dessa ferramenta, trabalhava mal, produzindo pouco. Os companheiros, vindos, na grande maioria, de trabalhar com a picareta e ferramentas análogas, troçaram-no um pouco e disseram-lhe: «essa picareta sempre é um bocadinho mais pesada que o pincel, hein?»

Como Falké era saudável, o que lhe valeu agüentar o esforço uns dias, no fim duma semana, já mais afeitos os músculos, manejava a picareta tão hábilmente como os outros, e disse-lhes: «Não há dúvida, a picareta é mais pesada que o pincel ou o lápis. Mas agora que já sei manear a picareta, que já aprendi o vosso officio, aprendam o meu e, no fim duma semana, desenhem como eu desenhar».

Os outros não responderam e nada tinham que responder, tendo sido os causadores daquela deslória intelectual. Ora, camarada manual, por maior que seja o teu preconceito sobre o valor do trabalho manual, deves concordar que os companheiros de trabalho do desenhador perderam uma excelente ocasião de estar calados. Mas a mesma excelente ocasião perderia o intelectual que, com esta historietta, proclamasse vitoriosamente o seu desdém pelo trabalho manual.

A este intelectual poderia o manual responder que se Falké pôde aprender a cavar numa semana ou menos, nunca poderia no fim desse tempo aprender a fazer uma cadeira, umas botas ou uma boa fechadura; e todavia, todos estes trabalhos pertencem a tal espécie inferior, ao trabalho manual. Que quer isto dizer? Quer dizer: 1.º, que tudo se reduz à questão do aprendizado; 2.º, que o aprendizado depende de disposições naturais e do ensino; 3.º, que não deve haver uma escala hierárquica de trabalhos; e se tivesse de a haver, só poderia ser baseada na duração média que exige o aprendizado de cada profissão. Mas não deve haver, porque mesmo que aquela duração média se pudesse estabelecer, a hierarquia nela baseada não deixaria de ser injusta, além doutros inconvenientes, e portanto sem razão de ser.

Nem sequer pelo lado da utilidade social o trabalho pode admitir hierarquias, emora pareça a base mais justa, porque essa hierarquia não deixava de representar a mesma injustiça e porque não é possível estabelecer um quadro da utilidade das profissões e dos trabalhos. A dificuldade de bem determinar a utilidade dum trabalho é tanto maior quanto mais complexa é a vida social. A medida que a sociedade se desenvolve, vão aparecendo, como necessárias, umas certas coisas que antes se consideravam superfluas, e como indispensáveis, cuja falta implica sofrimento, mal-estar, coisas que antes se dispensavam perfeitamente e por cuja falta quasi ninguém dava. Esta maneira de apreciar as coisas, estende-se logicamente ao

CARTA DO PORTO

UM PATRÃO CONQUISTADOR

A história de uma operária despedida por um capricho amoroso

O Conselho Técnico do Sindicato Único da Classe Têxtil ocupou-se de um caso de arbitrariedade cometido numa fábrica da sua indústria.

A história é simples, embora nos faça indignar a consciência, revoltar a alma.

Na rua Anselmo Braamcamp existe uma fábrica de tecidos de seda pertencente à firma Nogueira, Moraes & C.ª, Lda. Nela trabalhava uma operária menor de 17 anos, um tanto ingênua, de boa educação e, portanto, pouco habituada a ouvir e muito menos proferir palavras indecentes: uma das excepções à regra.

Um dos sócios da firma, Raúl Moraes, enamorou-se da pequena: arvorou-se em *D. Juan* perseguidor, quasi a degenerar em aspirante a *Landru*—e todas as vezes que a Izilda Guedes (pois é esta a graça da protagonista) se dirigia ao escritório a reclamar a sede de que carecia para trabalhar, o referido Raúl assestava-lhe uma verdadeira «bateria» de galanteios, chateas, diálogos, alguns dos quais picantes...

Advinhando as intenções do Moraes, ela, ruborizada, fugia do escritório, sem levar o material solicitado: repudiava, inteiramente, a ousada corte do envidalhado patrão...

Isto não mereceria o mais ligeiro reparo se, ao ver-se repellido nos seus propósitos de apetite carnal, o Raúl Moraes não se enfurecesse ao ponto de perseguir a menor até ao despedimento da fábrica.

O Conselho Técnico do Sindicato Único Têxtil layrou, publicamente, o seu protesto contra este facto. O Moraes, correu presurosamente à imprensa para declarar que a Izilda Guedes não fora despedida «por capricho amoroso», mas sim «por incompetência de serviço».

Ora a «incompetência de serviço», que o Moraes principiou a notar depois de ter frustrado os seus intentos, foi este: o Moraes começou a exigir à menor a dubadura de 3 quilos de seda por dia, começou a exigir que ela urdisse, em três horas, uma teia de quarenta e tal portadas e de cento e cinquenta metros...

Ora toda a gente que compreenda mesmo só os mais rudimentares elementos destes serviços, vê logo que isso é totalmente impossível...

Uma dadeira que dobre quilos e meio de seda por dia, já não está a dormir... Uma urdeira que urda, em 6 ou 7 horas, uma teia nas condições exigidas pelo *révanchista* Moraes, já anda regularmente li-

trabalho que as produz, ficando assim uma profissão considerada mais ou menos útil, conforme o meio social em que se exerce.

O resultado deste feaceno é que, nas sociedades modernas, de grande complexidade de actividades, generalizou-se, entre os indivíduos não desprendidos da cultura, a ideia de considerar os trabalhos, as profissões, num pé de igualdade, em vida normal, visto saber-se que o que é inútil para uns é útil para outros. Desta compreensão, cada vez mais generalizada, é que nasceu e se tem desenvolvido a tolerância recíproca e a liberdade. E é por uma compreensão cada vez mais generalizada da impossibilidade de separar nitidamente trabalho manual e trabalho intelectual, que a hierarquia das funções irá desaparecendo e com ela (repetindo as últimas palavras do artigo anterior) o dualismo estabelecido pela ignorância dos homens.

EMILIO COSTA.

Da Espanha riveirista

A mania da perseguição—Marcelino Domingo em liberdade

PARIS, 15.—O «Journal» diz que a polícia espanhola deteve em San Sebastian quatro indivíduos altamente categorizados, sob a acusação de conspirarem contra o directorio.

O ex-deputado Marcelino Domingo foi posto em liberdade.—(L.)

Mutualismo e cooperativismo

Cooperativa do Pessoal do Município de Lisboa.—A fim de eleger os corpos administrativos para 1925, realiza-se no dia 22 a Assembleia Geral, na sua sede (pátio do Geraldes), pelas 20 horas.

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE=2 SENSACIONAIS ESPÉCULOS 2=HOJE

A's 14,30 (2 e meia da tarde) A's 21 (9 da noite)

Surpreendente «matinée» Grandioso espectáculo

NOVOS INTERMÉDIOS CÔMICOS GRANDES ATRAÇÕES

Nos intervalos das «matinées» serão postos na pista para as crianças montarem

6 lindos cavalos 6

GERAL \$300 FAUTEUILS desde \$500

A geral para o espectáculo da noite abre às 16 horas (4 da tarde)

—AMANHÃ— SENSACIONAL ESTREIA

ESPECTÁCULO DA MODA

geira... Mas todos os pretextos servem quando se trata de perseguição...

Como isto era pouco, deu-se mais o seguinte: quando a Izilda, um dia qualquer, estava a dobrar uma seda ordinária, o Moraes apegou-se ao facto do engenho, que tem 14 parábolas, só ter quatro destas a andar...

E no entanto, quem não for leigo na matéria, sabe muito bem que muitas vezes, quando a seda é ordinária, nem mesmo aquelas quatro funcionam todas...

A tal ponto investiu com a Izilda, que o próprio sócio Manuel Nogueira, ante tão flagrante injustiça, não se conformou com o proceder do Moraes, havendo até alteração. E' então que o último, num acesso de estupidez e de ciúme, insinua o seu sócio «andar metido» com a Izilda, para, no dia seguinte, desmentir, negar a afirmação, apesar dela ter sido feita na presença da esposa do insinuado...

Mas o Moraes persistiu e a Izilda Guedes foi despedida, sabendo-se só então todo o enredo da misteriosa peça desempenhada no «palco» do aludido estabelecimento fabril da rua de Anselmo Braamcamp...

A mãe da rapariga, Cecília Rosa, que fora chamada pelo Manuel Nogueira, soube de tudo, porque este próprio lho contara —motivo porque, também, e a instâncias repetidas, a vítima igualmente narra todo o sucedido.

Por sua vez, Cecília Rosa comunicou-o ao seu Sindicato...

O Raúl Moraes, com a sua nota-comunicada nos jornais, apenas demonstrou o seu desespero de ave-afogada ferida na aza...

Apresenta testemunha da sua *inocência* o seu sócio Manuel Nogueira, quando este, segundo informes, não lhe consentiu que usasse do seu nome para tal... Afirma que os operários Joaquim Figueira e Joaquim Silva—que são apresentados como outras «testemunhas», embora eles nada saibam sobre o motivo do despedimento da Izilda Guedes—estão prontos a ir ao tribunal, se tanto for preciso...

Pois claro: o receio de serem despedidos também, pode-os levar a tamanha «sacrifício» de perjúrio... E depois não consta que alguém, para cometer qualquer patifaria, mesmo idêntica à de namorado à força, anse, antecipada ou posteriormente, um documento comprovativo—ou vá chamar outrem para presenciar a vilania...

Eis uma simples história... que depõe para a história da escravidão moral, profissional e económica da desditosa classe operária têxtil—que é a de todos os trabalhadores em geral.

Pórt, 14 C. V. S.

CHOQUE DE VEÍCULOS

No Chafariz de Dentro, uma carroça abalroa com um eléctrico ficando várias pessoas feridas

Ontem à tarde, uma carroça que com grande velocidade atravessava o largo do Chafariz de Dentro, em direcção à praia, foi abalroada por um carro eléctrico que, vindo do Poço do Bispo, se dirigia para o Rossio.

A carroça foi arremessada para o passeio onde se encontravam conversando, Alexandre da Silva, de 33 anos, beco dos Ramos, 1, 1.º Manuel Monteiro, descarregador, soldado de sapadores mineiros, e um outro descarregador cujo nome se ignora, os quais foram colhidos pelo veículo, ficando com vários ferimentos na cabeça, pernas e várias contusões pelo corpo.

Acudiu o polícia 1611, que perto andava de giro, que fez transportar os feridos ao hospital da Marinha, onde receberam os primeiros socorros, seguindo o Manuel Monteiro e o descarregador, cujo nome se ignora, para casa. Foi requisitado à Cruz Vermelha um carro que transportou os restantes dois feridos ao hospital de S. José, onde foram observados pelo cirurgião de serviço no Banco, recolhendo o Alexandre da Silva, que também apresentava fractura do pé esquerdo, à sala de observações, e sendo o Luís conduzido a casa, depois de pensado.

OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

Realiza-se hoje pelas 13 horas o funeral do menino Romeu dos Santos, filho e sobrinho de Guilherme dos Santos e Manuel dos Santos, dos encarregados das obras públicas.

A Associação dos Encarregados das Obras Públicas convida os seus associados a incorporarem-se no funeral.

Realiza-se hoje o funeral de António Palma, irmão do tipógrafo da Imprensa Nacional, Francisco Palma, saindo, às 14 horas, do hospital de São José para o Cemitério de Benfica.

A VENDA DO "SÉCULO"

A posse dos novos donos — O sr. Amadeu sai do jornal mas continua a servir a Moagem

Tomaram ontem conta da administração de «O Século» os delegados da União dos Interesses Económicos, actualmente proprietária da maioria das acções daquela empresa. Despedindo-se do público, o sr. Amadeu de Freitas — aquele indivíduo que acorreu pressuroso a aquele anúncio de «bandido» precisa-se para director do Século — deixava ontem longa epistola em que ele próprio faz o mais descarado elogio à sua honradez, independência e competência jornalísticas.

E' na verdade espantoso o deslante com que o sr. Amadeu de Freitas se nos apresenta como jornalista independente, ele que é a campânula por onde todos os dias fala ao país o sr. António Maria da Silva, ele que é, de há muito tempo, assalariado da Moagem e que nem mesmo agora com a sua saída do «Século» deixa de o ser, porquanto continuará recebendo a antiga mesada da Moagem como redactor-principal in-nomine do Diário de Notícias.

A carta em questão é uma cadeia de falsidades que espanta, que assombra pela audácia e jactância com que são ditas. Assim, por exemplo, nela afirma o grrande jornalista que não pediu o cargo de director do Século. Ora nós temos conhecimento precisamente do contrário. O sr. Amadeu de Freitas não pediu, suplicou o lugar de director do Século e a sua aceitação foi imposta pelo sr. António Maria da Silva. E' isto o que consta do interessantíssimo relatório — ignorado pelo público e por muita gente no jornalismo e na política — que o sr. Domingos Cruz, que no primeiro semestre após a saída do sr. Cunha Leal do Século, exerceu o cargo de administrador daquele jornal, apresentou numa assembleia geral da empresa. Nesse relatório, que muito nos elucidou sobre as causas que levaram O Século à ruína, conta-se assim a entrada para aquela casa do sr. Amadeu de Freitas:

Como e porque o sr. Amadeu foi redactor-principal do «Século» — Um extracto dum relatório inédito da vida interna do ex-órgão da Moagem

Na tarde do segundo ou terceiro dia, estando o sr. Alvaro de Lacerda e eu no gabinete do Conselho de Administração, por este senhor me foi dito que o sr. Amadeu de Freitas vinha falar-nos da parte de alguém. Recebido o sr. Amadeu de Freitas, declarou-nos que tinha sido convidado para director do «Século», e por isso vinha entender-se conosco. Espanto natural que o sr. Alvaro de Lacerda, com a minha aprovação, demonstrou ao enviado, afirmando-lhe que devia tratar-se de um equívoco, porquanto se resolvesse não nomear por enquanto director, e que se assim não fosse só a nós dois competia a escolha e fazer o convite, porque, nos termos dos estatutos, essa atribuição nos pertencia; que talvez a pessoa que no-lo remetiera tivesse falado no cargo de redactor principal, e então seria um caso a ponderar. Que não, voltou o sr. Amadeu de Freitas; fora convidado para director; não lhe convinha o cargo de redactor principal, porque já fora sub-director de «O Século», tinha um nome no jornalismo, feito com Emílio Navarro e Silva Graça, e, demais, já alguns jornais o haviam dado como futuro director de «O Século», logo que o sr. Cunha Leal saiu, colocando-o portanto em difícil situação, a aceitação de outro cargo que não fosse o de director. Obtemperou-lhe o sr. Alvaro de Lacerda, que, embora a pesar-nos, tal não podíamos fazer não só em virtude de uma deliberação tomada pelo Conselho, como porque estava delineado o programa de «O Século», que o Conselho directamente se propunha efectivar. Interrompida por momentos a conferência, disse-me o sr. Alvaro de Lacerda que o sr. Amadeu de Freitas vinha recomendado pelo sr. Monteiro Guimarães a pedido do sr. António Maria da Silva então presidente do ministério; que ele fosse nomeado redactor principal, no caso de aceitar e de concordar com o programa do Conselho, o que se lhe afigurava vir a acontecer. Respondeu-lhe que tendo com o sr. Amadeu de Freitas remotas relações cerimoniais, e não conhecendo as suas qualidades profissionais, porque não acompanhara a sua carreira jornalística, de modo algum me oporia, tanto mais que, pelo visto, o mais importante accionista da empresa, de acordo com uma figura então dominante da política, embora chefe de um partido, no-lo indicava. Ponderei no entanto que de modo algum devíamos afastar-nos do caminho traçado, sob pena de «O Século» falsear mais uma vez a missão que lhe competia na sociedade portuguesa. Poucos momentos depois, o sr. Amadeu de Freitas aceitava o lugar e as condições estabelecidas, ficando bem assente que só ao Conselho competia orientar e dirigir o jornal, dentro do programa de que se lhe deu conhecimento, para o que devia todos os dias avistar-se com qualquer das duas pessoas que esse encargo tinham, a fim de, em colaboração com elas, se resolver o serviço e, consoante os assuntos dominantes, nortear a acção do «Século».

A afirmação do sr. Amadeu de Freitas de que entrou para o Século sem ter pedido, é pois falsa. E quanto às auto-afirmações da sua honestidade e independência, aguardaremos o inevitável espiço do Diário de Notícias ao noticiar a entrada do sr. Amadeu de Freitas como seu redactor-principal, para transcrevermos mais alguns trechos deste curioso relatório.

ABASTECIMENTOS

Baixa de preços

Nos armazéns reguladores inicia-se amanhã uma nova baixa no custo dos géneros, sendo de 30 no açúcar, 10 e 20 no arroz, 20, bacalhau, 30 no sabão amarelo, 50 no toucinho e 10 no feijão. E' também posta à venda batata a \$80.

A ACTUALIDADE NO ESTRANGEIRO

NA ITALIA

O parlamento italiano e a ditadura fascista

Os acontecimentos destes últimos meses, não só acentuaram o isolamento do fascismo, mas redobram as forças do *anti-fascismo constitucional*. Os partidos da oposição social-democrata e maximalistas, estão representando um papel contra-revolucionário que de maneira nenhuma nós deve admirar. A burguesia, criada e armada pelo fascismo não pode de nenhum modo pôr-se do lado do proletariado. Toda a actividade anti-fascista dos Amendola-Turati, apoiada pelos sequeiros do *Avanti*, consistia em votar inúmeras ordens do dia. Os partidários do Monte Aventino procuraram trabalhar no seio da maioria fascista, para criar ao governo, uma situação difícil no parlamento e obter assim uma mudança de governo.

No dia seguinte ao do assassinato de Matteotti à proposição da greve geral feita pela A. T., a oposição respondeu: Não queremos greve geral! Não queremos agitação em massa! Só queremos uma acção parlamentar e legal!

A oposição não quer destruir o fascismo mas «transformá-lo»

Embora o parlamento italiano tenha aberto há dias, a pesar dos novos atentados de banditismo do fascismo, depois dos novos crimes cometidos e das provocações do governo, a oposição persiste na sua atitude de expectativa e de confiança, numa volta à normalidade.

O Popolo diz: «Não estamos na disposição de destruir o governo fascista. Pelo contrário o nosso fim é conduzir a maioria parlamentar actual a transformar o governo fascista».

Eis o que se chama falar pouco, mas bem. Compreende-se agora que uma tal oposição seja partidária duma solução Giolitti e que prefira a luta de manifestos à acção directa das grandes massas.

A oposição não se sentindo satisfeita em capitular, renunciando à luta aberta contra o parlamento fascista, abandonou a ideia de chamar o governo à responsabilidade pelo assassinato de Matteotti, etc.

Nem lá dentro, nem cá fora ousou encetar a luta!

Nem nas ruas de Roma, nem na cloaca de Montecitorio, têm a coragem de pregar no pelburinho este governo e minos.

NA ALEMANHA

As consequências do plano Dawes

O plano apresentado pelo general americano Dawes, a fim de obrigar a Alemanha a pagar as dívidas de guerra aos países aliados, começa já a fazer sentir a sua influência sobre a vida dos trabalhadores alemães.

Este plano, admitindo que a jornada de trabalho pode exceder as 8 horas, já estipuladas e ir até 10, 11 e 12 de labor, está provocando a diminuição de salários na Alemanha, e ao mesmo tempo uma crise de *chômage*.

E este fenómeno por reflexo há-de se fazer sentir nos outros países, tanto mais que os mercados estrangeiros vão ser agora inundados de mercadorias alemãs, postas à venda por baixo preço, em vista das condições especiais em que os operários as produzem, o que certamente afectará a situação de todos os trabalhadores, visto que a burguesia por toda a parte, aproveitando-se deste caso, procurará reduzir os salários e aumentar as horas de trabalho, a fim de poder concorrer com a industria alemã.

De forma que estes factos deixam prever para breve uma forte ofensiva da parte da classe patronal, contra a qual os trabalhadores precisam colocar-se desde já em posição de lhe poder resistir.

«JUSTIÇA» ESPANHOLA

Pede-se a pena de morte para três presos políticos

MADRID, 15. — No conselho de guerra que está julgando os indivíduos detidos em Pamplona, o Ministério Público pediu a pena de morte para três dos acusados.

Os réus declararam que o «complot» foi preparado em Bayonne, devendo tomar a direcção do movimento os escritores Blasco Ibañez e Miguel de Unamuno.—(R.)

EDEN TEATRO

(Telefone Norte 3800)

HOJE — ÀS 9,30 DA NOITE

ÊXITO SEM RIVAL

A deslumbrante e graciosíssima mágica

O BOLO-REI

A ÚNICA PEÇA QUE A TODOS AGRAÇA

Um quadro de autêntica genialidade — Estupendo espectáculo — Imprescindíveis transformações

ADMIRÁVEL CONJUNTO

Factos diversos

O Partido Socialista Português comunicou que não existe no Porto um partido com o programa de Macdonald, mas sim uma secção da Internacional Socialista Operária, de Londres, a que Macdonald pertence, sendo portanto o programa comum.

* Recebemos da Sociedade Comercial de Portugal e Ultramar, Lda 12 pacotes de farinha arroz «Molenaar» que se destina à alimentação de crianças, a velhos e a todas as pessoas de intestino débil, aplicando-se na diatética dos depauperados de forças. Agradecemos a oferta.

DESPORTOS

FUTEBOL

Campeonatos oficiais

Realizam-se hoje os seguintes desafios dos campeonatos da Associação de Foot-ball de Lisboa:

1.ª Categoria: 1.ª Divisão—Belenses contra Casa Pia, no Estádio, às 15 horas; juiz, o sr. Ilídio Nogueira. 2.ª Divisão—Portugal contra União Lisboa, no Estádio às 13 horas; juiz, o sr. Alfredo Pedrosa.

2.ª Categoria: Benfica contra Vitória, em Palmela, às 13 horas; juiz, o sr. Augusto Luís Ramos. Carcavelinhos contra Chelas, em Bemfica, às 13 horas; juiz, o sr. Manuel Pereira.

3.ª Categoria: Belenses contra Casa Pia, no Campo Grande, às 13 horas; juiz, o sr. Ivo Torres Sousa. Portugal contra União Lisboa, no Campo Grande, às 11 horas; juiz, o sr. Octávio Graça.

4.ª Categoria: Carcavelinhos contra Chelas, em Bemfica, às 11 horas; juiz, o sr. Nuno de Freitas.

Promoção 1.ª Categoria: Cruz Quebrada contra Ocidental, nas Laranjeiras, às 11 horas; juiz, o sr. Joaquim Ferreira Bogaço. Chelense contra Sacavenense, nas Laranjeiras, às 13 horas; juiz, o sr. Augusto da Silva Ramos. Operário contra Bom Sucesso, nas Laranjeiras, às 15 horas; juiz, o sr. Joaquim Tomaz da Costa.

2.ª Categoria: Cruz Quebrada contra Hockey, no Parque-A, às 15 horas; juiz, o sr. João Pinto. Ocidental contra Bom Sucesso, no Parque, às 15 horas; juiz, o sr. Manuel da Silva.

3.ª Categoria: Ibérico contra Campo de Ourique, no Parque-A, às 13 horas; juiz, o sr. Mário Vieira da Costa. Ocidental contra Cruz Quebrada, no Parque, às 13 horas; juiz, o sr. António Barata. Bom Sucesso contra Hockey, no Parque-A, às 11 horas; juiz, o sr. Raúl dos Santos.

4.ª Categoria: Cruz Quebrada contra Campo de Ourique, no Lumiar-A, às 11 horas; juiz, o sr. Francisco Espírito Santo. Ocidental contra Bom Sucesso, no Parque, às 11 horas; juiz, o sr. António Veloso.

AO POVO

Não deixeis de ir esta noite ver a bela peça «Uma causa célebre» em scena no teatro Apolo, peça interessantíssima e que no popular teatro está fazendo um grande êxito.

Um equívoco de más consequências

Relataram os jornais, num tom de chacota, que uma comissão de empregados das telefones, composta por indivíduos animados por bebidas fortes, fora encontrada aos pinotes nos telhados do governo civil, movimento porque o sr. Barbosa Viana mandara encerrar no calabouço n.º 5.

Essa notícia de proveniência suspeita, pelo que nos declara um dos membros dessa comissão, é redondamente falsa.

Enquanto a referida comissão aguardava a ordem para a entrada no gabinete da policia de segurança do Estado, um dos componentes, contou aos seus colegas uma aneddotia, aliás verdadeira, em que estivera envolvido um empregado dos telefones.

Havendo há tempos uma avaria qualquer no telefone da P. S. E., um empregado superior chamou um mecânico já velhote e disse-lhe:

—Sr. Fulano, vá ao governo civil arranjar o telefone da Segurança do Tacho.

O mecânico, coitado, apresenta-se no governo civil e, muito convicto, comunicou a um agente:

—Venho reparar o telefone da Segurança do Tacho.

O pobre velho, convencido da existência duma repartição chamada da Segurança do Tacho, pagou com algumas horas de calabouço a sua ingenuidade.

Ora, decerto algum agente, ao passar junto da comissão a que aludimos, ouviu proferir a palavra *tacho* e foi comunicar história tétrica.

Quando a comissão entrou no gabinete do sr. Barbosa Viana, este, muito exaltado, ameaçou-a de que a mandava para o calabouço n.º 5, porque sabia que os seus membros haviam feito alhosdes desprestígio para com a P. S. E.

Quando um dos empregados dos telefones tentava desfazer o equívoco, o sr. Barbosa Viana, sem ouvir mais razões, mandou meter a comissão no referido calabouço.

Deste caso tão simples, que revela uma tremenda intolerância do sr. Viana, se inventou a história picaresca e inverosímil que alguns jornais publicaram e que, com este esclarecimento, fica completamente desfeita.

TEATRO SÃO CARLOS

HOJE EM RÉCITA ÚNICA

a mais espituitosa das peças

A Zázá

PROTAGONISTA

A ACTRIZ EMPRESÁRIA

Lucília Simões

TERÇA-FEIRA, 18

1.ª representação da peça francesa

de PIECHAUD

Mademoiselle PASCAL

Tradução

de Alvaro de Andrade

LUCÍLIA SIMÕES, que interpreta o difícil papel da protagonista, mandou confeccionar em Paris lindas «toilettes» para os três actos.

TRATAMENTO DAS HEMORROIDAS

e suas complicações — Fístulas

rectais, prostatites, rectites, etc.

INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA

SUPOSITÓRIOS PEROXIGENADOS

Teatro Nacional
Colossais enchentes

HOJE
A'S 9 DA NOITE
HOJE
Baixa de preços
Nos armazéns reguladores inicia-se amanhã uma nova baixa no custo dos géneros, sendo de 30 no açúcar, 10 e 20 no arroz, 20, bacalhau, 30 no sabão amarelo, 50 no toucinho e 10 no feijão. E' também posta à venda batata a \$80.

O REGENTE
A admirável tragédia
Entusiásticas ovações

MARCO POSTAL
San Remo. M. C. Diário e Suplemento ficam
agorá até 30 de Abril.
Pórt. - C. V. S. - Redige tu a declaração para per-
celemos. - A. Comuna. Recebemos a lista será publi-
cada na devida altura.
Colmbr. - A. Freitas. - O que lá sobre os recibos
enviados? Assim prova que não te dá de Dezem-
bro. - J. A. - Diário ficou pago até 3 de Dezem-
bro. Está no correio a 3ª série a cobrança; se for
paga os 5260 enviados ficam para a 4ª série.

Agenda de A BATALHA

O que há hoje
ESPECTACULOS
THEATROS
São Carlos - A's 21, 22 - A Zazá.
Nacional - A's 21 - O Regente.
São Luis - A's 21 - La Goya e T. S. F.
Trindade - A's 21, 22 - A Casa das 3 Meninas.
Politeama - A's 21 - É preciso viver.
Alameda - A's 21, 22 - O Pão do Bispo.
Alto - A's 21, 22 - Uma Causa Celebre.
Elen - A's 21, 22 - O Bólo Rei.
Miriá Vitoria - A's 20, 21 e 22 - Res-Vés.
Coliseu dos Recreios - A's 15 e 21 - Companhia de
Teatro.
Salto 305 - A's 20, 21 - Variedades.
Gil Vicente (A Graça) - Não há espectáculo.
Remédia Parque - Todas as noites - Concertos e di-
versões.

CINEMAS
Olimpia - Chado Terrace - Salto Central - Cinema
Comed - Salto Ideal - Salto Lisboa - Sociedade Pro-
moção de Educação Popular - Cine Paris - Cine Es-
perança - Chantier.

SOCIEDADES DE RECREIO
Grupo dos Galanitos. - No restaurante "La Mar",
dando, dá o seu 12.º pulo.
Concentração III, 24 de Agosto. - Baile.
Academia I. Verli. - A's 18 h. concerto, à noite.
Academia R. Musical. - A's 21 h. baile.
Academia R. hinda-a-Velha. - A's 16 h. certamen de
baile.
Grémio R. Goupense. - A's 14 h. sessão solene do
2.º aniversário. A's 21 h. baile.
Grupo Musical Familiar de Brócos. - A's 14 h. ses-
são solene e quentes. A's 21 h. baile.
Comando Geral de Artilharia. - Das 15 às 23 h. sa-
nuário dramático, concerto musical, etc.
Club H. - Os Chirps. - Baile à noite.

TESES COMUNISTAS
Na Associação dos Alfaiates, Rua dos Panqueiros,
300, 2.º, serão lidas, às 10 horas, algumas teses apre-
sentadas ao V Congresso Comunista Internacional.

MÚSICA
Centro Politeama. - A's 15 horas, concerto sinfo-
nico.

FESTAS DE BENEFICÊNCIA
Associação do Registo Civil. - A's 14 h. matiné
benéfico. A's 21 h. baile.
Grupo Excursionista "Os Materialistas". - A's 15 h.
matiné para Adelaide Guerreiro.

Policlinica da Rua do Ouro
Entrada: Rua do Carmo, 98
Para as classes pobres
Medicina, coração e pulmões - Dr. Armando
Nunes - A's 4 horas.
Cirurgia, operações - Dr. Bernardo Vilar -
4 horas.
Xin, vias urinárias - Dr. Miguel Magalhães
3 horas.
Pele e sífilis - Dr. Correia Figueiredo - 11 e
às 5 horas.
Doenças nervosas, electroterapia - Dr. R.
Loff - 1 hora e meia.
Doenças dos olhos - Dr. Mário de Matos -
2 horas.
Doenças das crianças - Dr. Cordeiro Fer-
reira - 2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos - Dr. Mário Oli-
veira - 12 horas.
Estômago e intestinos - Dr. Mendes Belo -
3 horas.
Tratamento de diabetes - Dr. Ernesto Roma
- 3 horas.
Boca e dentes - Dr. Armando Lima - 4 horas.
Cancro e rádio - Dr. Cabral de Melo - 4
horas.
Raio X - Dr. José de Pádua - 4 horas.
Análises - D. Gabriela Beato - 4 horas.

DENTES ARTIFICIAIS
Em 1500 - Obtenção a 25000 - Extrac-
ções sem dor a 15000
Das 11 às 15 h. no consultório de
MARIO MACHADO
da Escola Dentária de Paris
Chiao, 74, 1.º - Telef. C. 418

Artigos alemães
Ferragens, cutelarias, quinquilharias
PREÇOS VANTAJOSOS
Aspiradores eléctricos para pó (220 v.) - Jardes de metal para reposteiros
Canivetes, tesouras, navalhas e lâminas para barba, facas de cozinha,
talheres de alpaca, alumínio e cabo de madeira; pentes de galatilh, alu-
mínio e chifre; cadeados, esporas e barbelas, campainhas, escovas para fato e
cabelo, suportes para objectos quentes, fios de metal, quebra-nozes, saca-
-rolhas diversos, garrafas para conservar os líquidos quentes, espelhos, papel
químico e outros artigos.

MARIO CUNHA
RUA DOS FANQUEIROS, 30, 2.º

16-11-1924 OS MISTÉRIOS DO POVO

Não se distinguia coisa alguma na distância de vinte
passos, tão denso era o nevoeiro; a noite aproxima-
va-se. Tetralda continuou no fim de alguns instantes de
silêncio: - Nós os francos, somos inimigos da gente
do teu país; e entranto não sinto contra ti nenhuma
inimidade... Sentes tu alguma coisa contra mim?
- Como poderia eu ser o inimigo duma menina?
- Tu deves estar muito pesaroso de ter abando-
nado o teu país? queres que eu peça ao imperador,
meu pai, que te conceda o perdão tanto a ti como a teu
avô?
- Perdão!... um bretão nunca pediu perdão! ex-
clamou altivamente Vortigern. Eu e meu avô somos
reféns, estamos prisioneiros debaixo de palavra; sofre-
mos a lei da guerra.
Um novo silêncio seguiu esta conversação; bem de-
pressa, como tinha previsto Vortigern, o denso ne-
voeiro se desfez em chuva fina e penetrante. - Chove,
disse o jovem bretão. Não se ouve coisa alguma, nada,
nada! e dir-se-ia que este caminho não tem fim; mas
aqui temos outro à esquerda, se o seguíssemos?
- Segui-lo hemos, disse Tetralda com indiferença,
e mudou a direcção do seu cavalo. Vortigern fez parar,
rapidamente o cavalo, desafiou o cinturão da espada
que colocou no arção da sela, para poder tirar o saio.
Tetralda disse-lhe:
- Que fazes tu?
- Vortigern, sem responder, despiu o saio, ficando
só com um sobretudo de pano branco semelhante ao
das bragas. - Consenti em aceitar o teu cinto, disse
ele à filha do imperador, cubra-se, portanto, com o meu
saio, atando as mangas dele por baixo do pescoço; ser-
vir-lhe há de capote e livrá-la há da chuva.
- Então, prende-me aos ombros, respondeu Tet-
ralda cobrindo. Eu não me atrevo a abandonar as ré-
deas do meu cavalo.
Vortigern, não menos comovido que a sua compa-
nheira, aproximou-se e deitou o saio nos ombros de
Tetralda; mas quando se tratou de atar as mangas do
vestido ao pescoço, e quis o cima do seio palpitante

**Para tingir em casa não
empreguem senão:**

Tintas para tingir a quente (44 tons) **RAPOSA** Tintas para tingir a frio (33 tons)

A marca que está fazendo furor pela beleza, fixidez absoluta, enorme variedade das cores e
QUALIDADE INCOMPARAVELMENTE A MELHOR
O preto e o azul escuro são as verdadeiras pedras de toque da qualidade de uma marca de tin-
tas. O preto RAPOSA é um preto retinto e que não se faz russo. Experimente o preto RAPOSA
e comparem.

Exigir só a marca: RAPOSA em toda a parte
A venda nas boas drograrias de todo o país e lojas.

Representantes exclusivos: SCHROETER & C.º R. São Julião, 5 s/l
Lisboa - Telefone C. 552

Anilinas JACOBUS
- Para tingir em casa -
- As melhores e de maior confiança -
Sabonetes JACOBUS
O mais fino e económico sabonete de toilette
SABONETES OPTIMUS
O mais barato sabonete de toilette
A venda em todas as drograrias do país
Depósito geral, só por atacado
Sociedade Produtos Químicos, Lt.º
Campo das Cebolas, 43, f.º - LISBOA

Cimento portland
"TEJO"
Qualidade garantida
Análises oficiais
Preços resumidos
António Moreira Rato
& F.ºs., L.ºda
Rua 24 de Julho, 54-F
TEL. C. 233 LISBOA

ASSALTO
Assim se pode classificar pela frequência constante
do Depósito da Condição, onde o povo procura de-
fender-se, comprando fazendas de lá para fatos,
sobretudo, abaios e vestidos de senhora, direc-
tamente da Fábrica, por menos 30 a 40 oje.
Alisate para homens e senhoras onde se po-
dem vestir com elegância, e por preços excep-
cionais, mas só para clientes que façam as suas
compras no Depósito da Condição.
Pelas baratíssimas,
Lá para matins, 60\$30 e 75\$50 cada quilo.
Chegou a primeira remessa de impermeáveis,
vende cada um por 100\$00 escudos! Telefone R.
4665.
ROSSIO, 93, 1.º ANDAR.

TUDO MAIS BARATO
Ouvidaria e relojoaria
Miguel & J. A. Fraga
Grande sortido em monogramas
de prata e ouro para carteira
TEMOS SEMPRE QUANTIDADE
DE JOIAS EM SEGUNDA MÃO
26, rua da Palma, 28 - LISBOA

Instrumentos
filarmónicos vendem-se. - Tratar com a
Associação dos Operários Corticeiros -
Silves.

Agência de Passagens e Passaportes
Carlos Nobre França Bafeirão
Esta agência trata de passagens e pas-
saportes para toda a parte do mundo
R. FERREIRA, 48, 3.º
LISBOA

TUBERCULOSOS
debilitados, com suores nocturnos, anémicos,
fracos pela falta de apetite curam-se com a
Triolina
Tendo tomado a TRIOLINA compre-me afirmar
que tive nela um poderoso estimulante do apeteite,
bom tónico, obtendo bons resultados no restabe-
lecimento da minha saúde multissimulada pela
uma grave doença pulmonar. Alberto Sousa dos
Santos - Bairro Catarina, A. 4.º
DEPÓSITOS:
Farmácia Estácio, Rossio.
Repouso Sobrinhos, Largo de São Julião, 11.

Á GRANDE BAIXA
DE CALÇADO
SÓ COM O LUCRO DE 10 %
NA
SAPATARIA SOCIAL OPERARIA
Sapatos para senhora 50\$00
Sapatos em verniz 38\$50
Botas pretas (grande salto) 48\$50
Botas brancas (pequeno salto) 48\$50
Grande salto de botas pretas 58\$50
Botas de couro para homem 40\$00
Não confundir a SOCIAL OPERARIA com
outra casa.
Ver bem, pois só lá encontra bom e barato.
A Social Operaria é na rua dos Cavaleiros,
12-0, com Filial na mesma rua, n.º 66.

POLICLINICA POPULAR
Rua Morais Soares, 114 (ao Alto do Pina)
Dirigida pelos drs.:
C. H. Leão da Silva - Clínica médica, coração
e pulmões - A's 15 h. 12 h.
Celestino Henriques - Cirurgia, operações - A's
12 h. 12 h.
Cafetano S. de Oliveira - Doenças dos olhos -
A's 14 h. 12 h.
Domingos Pereira - Doenças da boca e dentes
- A's 9 h.
Eduardo Fines - Doenças da nutrição, clínica
geral - A's 9 h.
Júlio de Matos - Doenças das crianças - A's
15 h.
Gomes Coelho - Garganta, nariz e ouvidos -
A's 10 h.
Isabel Pereira - Doenças das senhoras - A's
17 h. 12 h.
Luís Guerreiro - Clínica geral, Estômago, intes-
tinos e bexiga - A's 12 h.
Matos Ferreira - Rins e vias urinárias - A's 15 h.
Oliveira Vieira - Pele e sífilis - A's 11 h.
Ribeiro Salgueiro - Raios X - A's 15 h.
Rui de Oliveira - Análises clínicas. Vacinas -
A's 15 h.

Milhares de curas

SE DEVEM AO
HERPETOL
Único remédio eficaz para as doenças de PELE

Esta criança foi torturada por uma forte coceira.
Depois de ter usado várias pomadas e outros ingre-
dientes que aos pais aconselhavam, resolveram con-
sultar o médico, o qual recebeu um frasco de HER-
PETOL.
A pele, que tinha a aparência escamosa muito irri-
tada, tornando a criança a um permanente coçar, logo
as primeiras aplicações do HERPETOL sentiu-se sen-
sivelmente aliviada, e antes de terminado um frasco
todas as manifestações haviam desaparecido.
É recomendado em todos os casos de eczema
humido e seco, manchas, erupções, e sibilas e mórdo-
ras de insetos.
Atenção: não confundir com as farmácias e R. da Prata, 237,
Lisboa, e na R. das Flores, 153, Pórt.

FOTOGRAVURA
TRICROMIA
ZINCOGRAFIA
DESENHO
GRANDE PREMIO
RIO DE JANEIRO 1908
GRANDE PREMIO E
MEDALHA DE OURO
LISBOA 1913
PREMIO DE HONRA
LEIPZIG 1914
OFICINA FOTOMECANICA
Largo do Conde Barão 49
LISBOA
TELEFONE
2554

Valério, Lopes & Ferreira, L.º
FERRAGENS E FERRAMENTAS
Metais, cutelarias, talheres,
louça esmaltada, parafusos, fun-
dos para caldeiras,
- guarnições para móveis -
Chapa ferro preta e zincada
Chapa de zinco, latão e cobre, antimonio, balanças, pesos e medidas,
cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.
84, R. DO IMPERIO, 86 - LISBOA - TELE fone, 3930, N.
gramas, FERRAGENS

FATOS COMPLETOS
E SOBRETUDOS
em boas fazendas de lá 179\$00
com bons forros desde
IMPREMIVEIS INGLESES com tinto e rapuz, desde 179\$00
CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00
CALÇAS desde 40\$00
ABATIMENTOS PARA REVENDA
O CHAVES DO CONDE BARÃO
170, RUA DA BOAVISTA, 172

TUDO AOS MONTES Companhia Nacional de Navegação
Vapor "Angola"
Sairá no dia 1 de Dezembro para Ma-
deira, São Tomé, Loanda, Lobito, Mossa-
medes, Cabo (Cape Town), Lourenço Mar-
ques, Beira e Moçambique; e para Inhamba-
ne, Chinde, Quelimane, Pebane, Angoché,
Pórt. Amélia e Ibo com transbordo.

AOS MARCENEIROS
Por motivo de balanço
Guarnição 2 filetes e gaveta
freijó \$70
Guarnição grado \$95
"soco" \$90
"2 filetes e gaveta
pinho \$60
Cedro serrado em 20-25-35 mm
a 1.500\$00
Lixa papel, dúzia \$300
Fundos para cadeiras 10% de desconto
Ferragens para móveis, idem
Campo dos Mártires da Pátria, 68
- J. FERREIRA -

(A todos interessa)
**Pórt, Coimbra, Braga, Algarve, Alente-
jo, Ilhas, Brasil, Índia, Loanda,
Moçambique Congo, Guiné, etc.**
Não tem agentes a casa
PREFERINDO
**FREIRE, NEM QUERE, VENDER DI-
RECTAMENTE aos frequentes pelos preços 40,00**
MAIS BARATO que é o que os agentes levam
a mais, FACAM as suas pedras directas para se-
rem bem servidos e rápidos a **GRANDE FABRI-
CA** onde se fazem essas lindas **CHAPAS** e que
duram para sempre e letras esmaltadas para ruas,
estabelecimentos, etc., emblemas lindos e bar-
atos para Sports, clubes, medalhas para corridas
(artigos de Barba), Giletes mais baratas. Estojos
de metal branco com máquina e lâminas Gil-
ettes 3500. Navalhas, máquinas para cortar ca-
balo, máquinas de 4 rolos para as afiar. Tesou-
ras finas superiores a 12\$00 que outros vendem a
20\$00 e canetas de tinta permanente com pena de
ouro a 4\$00, que os outros vendem pelo dobro,
canivetes, CARIMBOS, numeradores a tinta, a
repetirem o número até 12 vezes; ditos para che-
ques a picotar o número e com data, selos em
branco para as Juntas Paroquiais, câmaras e re-
partições, sinetes para lacre e roupa, etc., alca-
tes de selar, marcas a fogo, etiquetas de metal
para sardinhas, fichas de metal para jóia, café,
fábricas, etc. Esses lindos sinetes a Freire, em
aço e ouro com brázeos e monogramas, cunhos
importe do Portugal, chapas e letras para marcar
caixotes e precos, lâmpadas e instalações eléc-
tricas, isqueiros e pedras, etc., etc. UNICA na
Europa completa. - A. L. Freire, 138 a 144, R. do
Ouro - Telef. 2556 C. - Peçam a cobrança para
tudo se lhe remeter.

FABRICA
de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento
GOARMON & C.º
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
- TELEF. C. 1244 - LISBOA -

rei de minha mãe, de minha irmã e da Bretanha, nunca
fui mais feliz do que hoje.
- E se o dia de amanhã se parecesse com o de
hoje? e se assim continuasse durante muito tempo,
muito tempo... sempre? tu estarias satisfeito?
- E Tetralda?
- Dize-me tu; na Germânia é costume tratar-se a
gente por tu.
- Mas o respeito...
- Eu digo tu; e nem por isso deixo de respeitar-te,
replicou a donzela rindo; perguntavas-me se eu seria
feliz em pensar que todos os dias teriam de ser simi-
lhantes ao de hoje?
- Sim, minha formosa princesa.
A menina calou-se, ficou pensativa e depois de al-
guns instantes de silêncio replicou:
- Vortigern, é muito longe daqui ao teu país?
- A cavalo gastámos mais de um mês para che-
garmos a este ponto.
- Vortigern, que linda viagem não fariamos nós:
- Que dizes tu?
Tetralda fez um gesto de impaciência cheio de gen-
tileza, ordenando por um sinal a Vortigern que guar-
dasse silêncio e replicou:
- Tens dinheiro?
- Não.
Desatando então a cintura um saquinho bordado,
Tetralda vasou no colo o conteúdo dele; estavam ali
muitas peças de ouro bastante grossas, e um maior nú-
mero de pequenas moedas de prata e de cobre. Duas
destas últimas, uma de prata, outra de cobre, e quando
muito do tamanho de um dinheiro, estavam furadas e
presas ambas por um fio de ouro.
- Que moedas são essas? disse Vortigern com
olhar de curiosidade.
- Oh! estas não se há de gastar, nós as guarda-
remos preciosamente. Uma, a de cobre, foi cunhada
no ano do meu nascimento, a de prata, foi cunhada
agora que completo quinze anos. Fábio, o astrónomo
de meu pai, gravou nestas moedas certos sinais mági-



INTERESSES DE CLASSE

A situação económica e moral dos barbeiros

Ao terminar o último movimento da classe constata-se que esta se encontra animada dum excelente espírito combativo e disposta a lutar por muito tempo. Esses dias de luta serviram aos lojistas de lição: aprenderam de que para nada servem as suas birras quando os operários estejam unidos e saibam vencer, ainda que com sacrifício.

As reclamações aceites num papel, firmadas num compromisso, não são tudo. É preciso que cada operário saiba cumprir com o seu dever, não trabalhando sem que o lojista aceite as condições impostas pelo sindicato. Só assim se pode evitar o papel triste e irritante que alguns componentes da classe estão desempenhando, traindo os seus próprios interesses e mancomunando-se com os patrões.

Neste movimento fez-se uma reclamação de carácter moral: a sindicalização obrigatória que nada tinha de deprimente para os operários pois era feita aos lojistas. E de lamentar que com raras excepções, os barbeiros da casa Campos & Costa aconselhados por Gil, que neste movimento procedeu com manifestação má fé e traição à classe, se não tenham querido seguir.

É são eles ainda que pretendem lançar sobre o sindicato toda a responsabilidade da crise que a classe atravessa. É necessário ficar assente e duma vez para sempre que a crise actualmente existente é da inteira responsabilidade dos lojistas. O conflito deu-se, porque eles não o quiseram evitar, se o conflito se prolongou, a culpa foi ainda deles. De resto para atender as reclamações, que já tinham sido formuladas há um ano e que se baseavam num aumento que eles já tinham feito, não era necessário meter outra vez e tão desastrosamente, as mãos nos bolsos dos frequentes.

Como os nossos companheiros de trabalho sabem, a maioria dos lojistas, não querendo perder um pouco do muito que ganhavam, impõem aos operários a baixa de salários ou a redução do pessoal. Neste momento não há nada que justifique a baixa de salários.

Portanto, devemos-nos impôr para que eles não o façam. É se os lojistas para nos garantir os salários ganham no nosso último movimento atirarem para a rua com algumas dezenas de operários, o nosso dever consiste em concorrermos, na medida do possível, para que aos desempregados nada falte, prestando-se-lhes toda a nossa solidariedade.

A última assembleia da nossa classe deliberou que no princípio do ano próximo se iniciasse a publicação dum jornal, órgão da nossa classe e nomeou-se uma comissão para dotar a nossa sede com o mobiliário e conforto a que temos direito, assim como a abertura duma escola de militantes.

Do nosso esforço e da nossa colaboração depende o bom êxito destas deliberações.

A. DE MOURA
operário barbeiro sindicalizado

FESTAS ASSOCIATIVAS

Impressores tipográficos

A fim de comemorar o 26.º aniversário da fundação da Associação de Classe dos Impressores Tipográficos, a sua direcção resolveu efectuar uma sessão solene e uma conferência.

Na sessão solene farão uso da palavra vários elementos da organização operária e será conferente o dr. sr. Carneiro de Moura. Para esta sessão, que se realiza na próxima quarta-feira, às 21 horas, na Calçada do Combro, 38-A, 2.º, são convidados não só os impressores tipográficos como o operariado em geral.

III Congresso Nacional da Indústria de Calçado, Couros e Peles

A comissão que organizou o III Congresso da Indústria de Calçado, Couros e Peles, reúne amanhã, pelas 21 horas, para entregar todos os documentos e mais trabalhos, aprovados no congresso, à Federação.

SOLIDARIEDADE

A comissão da festa pró-Carlos Saldanha pede a todos os camaradas que tenham bilhetes para passar que abreviem o mais depressa possível a sua passagem visto ser na próxima semana que se realiza a festa.

Sanatório dos Empregados no Comércio

O Sindicato dos Empregados no Comércio de Santarém, desejando contribuir para a construção dum sanatório para empregados no comércio tuberculosos, enviou à Comissão Central a quantia de 147\$50.

A sessão solene comemorativa do 10.º aniversário do Grupo dos Empregados no Comércio de Vendas Novas, foi como representante deste Sanatório, o camarada Augusto José Afonso, trazendo a adesão da classe vendanovense para a construção desta obra.

PELA ORGANIZAÇÃO

Os empregados no Comércio de Sintra vão reorganizar o seu Sindicato

Hoje, realiza-se em Sintra uma sessão magna dos empregados no comércio daquela localidade para a reorganização do seu sindicato.

Entre outros ordres deve falar delegados da Federação dos Empregados no Comércio e da Associação dos Caixeiros de Lisboa, sendo de esperar grande concorrência à reunião.

Pessoal do Commissariado dos Abastecimentos

Uma comissão do pessoal do Commissariado dos Abastecimentos, foi hoje enviada ao ministro da Agricultura para tratar da situação difícil do mesmo pessoal, pois que mais de 400 chefes de família vão ficar sem emprego.

O ministro prometeu providenciar e prorrogar, sendo possível, o prazo para a extinção do Commissariado.

Informações sociais

(Da Repartição Internacional do Trabalho, da Sociedade das Nações)

Emigração italiana

Estatísticas definitivas relativas ao ano de 1923, publicadas pelo Commissariado Geral de Emigração italiana, mostram que o número dos emigrantes aumentou de maneira considerável, tanto no concernente a emigrantes ultramarinos e aos continentais. O movimento de repatriação ficou mais ou menos estacionário. Em 1923 o total de emigrantes italianos foi de 348.079.

No respeitante à emigração continental italiana, a França continua a ser o seu escaudório mais importante: 85.815 em 1922, e 142.990 no ano seguinte.

Trabalho obrigatório na Bulgária

Nos termos de um novo regulamento publicado no *Diário Oficial*, da Bulgária, qualquer comuna tendo necessidade da mão de obra para labores locais, pode obter da Direcção do Serviço Obrigatório do Trabalho, cinquenta pessoas no mínimo, não podendo no entanto o máximo ser superior ao número das pessoas domiciliadas no município sujeitas ao trabalho obrigatório. É obrigatório às comunas entregar à Direcção a importância dos salários pagos aos trabalhadores e seus instrutores. Metade dessa importância é entregue antes do envio dos prestantes, e a outra metade depois da execução dos trabalhos.

Compete às comunas a alimentação, vestuário e mais manutenção dos trabalhadores. Quanto à duração do serviço é de dois a seis meses por ano.

Legislação e Trabalho Marítimo

Instituída pela Conferência de Genova, 1920, a Comissão Paritária Marítima, no intuito de facilitar à Organização Internacional do Trabalho o estudo das questões marítimas—que é composta de representantes de armadores, dos marítimos e do Conselho Administrativo da Repartição Internacional do Trabalho—reuniu em 4.ª sessão de 16 a 18 de Setembro.

Decidiu solicitar que na ordem dos trabalhos da próxima Conferência Internacional do Trabalho seja inscrita a «codificação internacional das regras concernentes ao contrato de engajamento dos marítimos» bem como a «inspecção do trabalho marítimo».

Além disso a Comissão tomou conhecimento de uma proposta também inscrita a regulamentação do horário do trabalho a bordo dos navios, porém a discussão do assunto não deu resultado, ficando a proposta suspensa. Armadores e marítimos não chegaram a acordo. Cabe ao Conselho examinar a questão, na próxima sessão, e emitir parecer sobre os votos formulados pelos marítimos. A Internacional do Trabalho reuniu em Genebra a 19 de Maio próximo.

Repartição Internacional do Ensino Profissional

Em consequência do Congresso Internacional, que se reuniu em Roma—setembro de 1923—o Instituto Real Nacional de Instrução Profissional ocupou-se da organização provisória de uma repartição internacional do ensino profissional. Foi elaborado o projecto de programa seguinte:

1.—Problemas de instrução profissional relativos a questões agrícolas e organização geral das escolas profissionais. 2.—A escola preparatória e o problema do pré-aprendizado. 3.—A orientação profissional e o problema das profissões qualificadas. 4.—Questão da tutela do trabalho dos menores e os problemas conexos. 5.—A escola para os chefes de técnica das artes e ofícios e os contra-mestres. 6.—Instituições superiores e os cursos de especialização profissional. 7.—A escola normal profissional.

Horário de trabalho na Inglaterra

Do inquérito realizado pelo Conselho Geral do Congresso dos Sindicatos, ao qual responderam 133 organizações operárias reunindo 4.688.609 filiados, resultou que 3.524.714 membros sindicados trabalham quarenta e oito horas por semana ou menos, consoante o seguinte quadro:

	40	horas por semana
24.500...	40	" " "
800.600...	42	" " "
305.087...	44	" " "
8.500...	47	" " "
964.224...	48	" " "
11.590...	46 1/2	" " "
1.409.613...	43	" " "

PROPAGANDA SINDICAL

Uma sessão em Extremoz

EXTREMOZ, 14.—Realizou-se ontem, na sede da Construção Civil, uma sessão de propaganda associativa com a presença de dois delegados da Federação da C. Civil, Inácio Marques e Alberto Dias.

Inácio Marques dissertou sobre a necessidade de todos os operários se unirem nas suas associações pois só assim poderão fazer valer os seus direitos.

Alberto Dias referiu-se à especulação que as forças vivas estão fazendo com a baixa da libra, fazendo a escassez do trabalho para conseguir a baixa de salários e volta aos horários de trabalho de 10 e 12 horas, e exortou os trabalhadores a prepararem-se para resistir às manobras das forças vivas.

Luis Celas escalpeliza a acção dos políticos que se fazem amigos dos operários. Carlos Augusto Passas faz sentir a necessidade dos operários se manterem unidos para a defesa das regalias conquistadas e para resistirem à baixa de salários que os industriais premeditam.

Foi aprovada uma moção que analisando o desleixo da Câmara Municipal em assuntos de muito interesse para o povo termina por reclamar a construção de um edifício escolar, a intensificação da construção do maladouro, o cumprimento integral do horário de 8 horas de trabalho, obrigar os senhores a concluir as obras paralisadas ou fazer a sua expropriação, obrigar a catar todos os prédios, impôr à Moagem o barateamento do pão.

COSTUREIRA

Faz, volta fatos, sobretudos, etc. Perfeição. Preços de camarada.
Rua 4 de Infantaria, 17, cave.

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Comissão revisora de teses
Reúne amanhã, às 20 horas.

COMUNICAÇÕES

Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio.—*Conselho Geral do Sul.*—Reuniu com a representação dos sindicatos de Beja, Coruche, Estremoz, Évora, Bombarral, Castelo Branco, Montemor-o-Novo, Vendas Novas, Olhão e Junta Sul.

Presidiu José Corvo, secretariado por João C. Rodrigues.

Entre o expediente contavam-se os officios da Junta Norte e Conselho Geral do Norte. Foram lidas 3 credenciais, acreditando novos delegados dos sindicatos de Olhão, Torres Novas e Vila Real de Santo António, respectivamente, João Cunha Rodrigues, Augusto Peixinho e Vasco Soares; estes dois últimos não compareceram à reunião. Resolvido officiar-se-lhes, fazendo sentir essa falta, como aos outros delegados.

Officio de M. Jorge da Costa pedindo a demissão de delegado. Depois de largamente discutido, o Conselho resolveu que a Junta inste junto deste camarada pela sua continuação no Conselho.

Manuel Rodrigues, em nome da Junta, elucida que o Sindicato de Olhão requiriu em Abril do corrente ano expediente confederal e que até a data, apesar de inúmeros officios que se lhe enviaram para que satisfizesse a respectiva importância, ainda não a satisfizesse. Deliberado que a Junta fizesse ver novamente a este assunto ao respectivo Sindicato.

Leu-se o relatório moral do Sindicato de Silves de 1923-24 e tomado em consideração.

Discutiram-se os estatutos do sindicato de Ferreira do Alentejo.

Rodrigues notifica que se encontram em aberto na Junta os cargos de tesoureiro e secretário adjunto, sendo nomeados respectivamente, Armando Viegas e João Cunha Rodrigues.

Vários delegados referem-se à falta de propaganda na classe pela provincia, notando que a C. G. T. podia remediar em parte esta falta desde que os delegados que enviasse à provincia não fossem sempre os mesmos, mas sim por classes.

O representante da Junta trata do sindicato de Santarém e que—diz—ainda não nomeou delegado ao Conselho. Falam sobre o assunto Machado, Corvo e Cabecinha, sendo perfeitada a opinião de Rodrigues de que se deve officiar mais uma vez ao mesmo sindicato. Cabecinha declara que se é necessária a cotização também é a cooperação.

Trata-se em seguida do escrito de Caetano Frago, e da attitude do delegado ao Conselho Confederal, lamentando-se, depois de bem discutido o assunto, que aquele Conselho não permitisse na *Batalha* a publicação do artigo de resposta a Frago, resolvendo officiar-se a C. G. T.

Interpelado um dos delegados à Comissão de Compilação, ficou assente que os mesmos elaborassem um relatório de estudo dos trabalhos realizados na comissão.

João Cabecinha refere-se à Comissão do Sanatório espreitando-se em diversas considerações e aludindo aos terrenos já cedidos. Da explicação José Corvo.

Como a hora fosse bastante adiantada, deliberou-se que a 2.ª e 3.ª parte da ordem dos trabalhos constituissem os trabalhos para a próxima reunião.

Federação Metalúrgica.—Reuniu o conselho federal, com a representação dos organismos de Lisboa, Porto, Coimbra, Portimão, Lagos, V. R. de S. António, Peniche, Torres Novas, Abrantes, Beja, Faro e Rio Mouro.

Do expediente constavam officios de Vieira de Leiria, de Lagos e da Marinha Grande, constando o conselho a boa disposição destes sindicatos no respeitante ao aumento da cota em conformidade com a circular enviada. Depois de Francisco Viana ter exposto verbalmente o resultado da sua delegacia a Lagos, por intermédio da C. G. T., e de Artur Cardoso ter igualmente exposto o resultado da sua delegacia a Zambujal, entrou-se na ordem dos trabalhos, que constava da apreciação duma nota endereçada à *A Batalha*, dimanada do Comité Metalúrgico de propaganda do Norte.

Depois de vários delegados se pronunciarem o conselho constatóu que o Comité do Norte acaba de sair fora das suas atribuições, pelo que, generalizando-se a discussão, foi necessário marcar novo conselho, que se efectivou na segunda-feira.

Depois de vária discussão foi aprovada uma proposta de Joaquim de Sousa no sentido de se fazer uma consulta a todos os sindicatos aderentes, a fim dos mesmos se pronunciarem sobre a conduta do Comité do Norte. Foi também aprovada uma outra proposta de Henrique Firmo para que seja publicado o balancete financeiro da Federação desde a data do último congresso até ao mês de novembro corrente.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE

Estivadores.—A assembleia geral, pelas 8 horas da manhã, para apreciar assuntos da Caixa de Socorros e relatório dos delegados ao Congresso Marítimo.

Manipuladores de farinhas, massas e bolachas.—A assembleia geral, às 14 horas, na Calçada do Combro, 38-A, 2.º.

Contramestres, marítimos e moços.—Para apreciar a situação dos desempregados, Estatuto da caixa de Assistência e Previdência ao pessoal da Marinha Mercante e a situação da Delegação no Porto, pelas 13 horas, a assembleia geral extraordinária.

PARA DIAS PRÓXIMOS:

Operários do município.—A comissão pró-Sindicato Unico dos Operários do Município, convida a direcção da Associação de Classe dos Operários Calceteiros a comparecer na sede, na terça-feira, às 20 horas e 30 minutos.

Manipuladores de pão.—A assembleia assembleia geral electua-se no próximo domingo, 23.

S. U. Metalúrgico.—Amanhã o pessoal da Parceria dos Vapores Lisboenses, para apreciar as demarches realizadas junto do ministro do Comércio pelo delegado do

pessoal e da comissão de melhoramentos do Sindicato.

Secção de electricistas.—A comissão de defesa e estudo, amanhã.

S. U. Mobilário.—Para assumto que se prende com a reunião das comissões administrativas do Sindicato e seus delegados, a realiza na U. S. O., na terça-feira.

Reúnem amanhã os corpos gerentes.

SINDICATOS DA PROVÍNCIA

U. S. O. do Porto.—Na última reunião da União dos Sindicatos Operários, depois do delegado dos metalúrgicos protestar contra a maneira como a quasi totalidade dos delegados se recusam a aceitar o cargo de 1.º secretário das sessões do Conselho Federal, alegando falta de competência—lé-se um officio da C. G. T. referente à desinteligência entre a Federação Metalúrgica e o seu Comité do Norte, e no qual se dá conta dos bons trabalhos postos em prática para uma conciliação rápida.

Dadas explicações pelo secretário adjunto da União, fica resolvido, por proposta do delegado metalúrgico, que o assumto fique entregue ao bom critério da C. G. T.

O delegado metalúrgico refere-se ao comicio de domingo, salientando que os sindicatos não fizeram a devida propaganda para o mesmo, como era do seu dever. Daí o ele não ter aquela concorrência reclamada pelas tristes circunstâncias de momento. E de opinião que se effectuem outros comicios, mas agora a semana e não ao domingo, visto a prática assim o exigir.

O delegado dos marítimos da Foz submete à apreciação do conselho uma exposição sobre as origens e as consequências da crise de trabalho.

O delegado metalúrgico propõe para que o documento do delegado dos marítimos da Foz, baixe à Comissão de estudo sobre a crise de trabalho; e o representante do vestuário propõe para que ele seja discutido na próxima reunião de direcções e delegados.

Depois de uma ligeira controvérsia sobre a proposta do delegado metalúrgico, e de uns reparos à acção da Comissão de Estudos da crise de trabalho e à attitude de alguns sindicatos que não responderam a um questionário que lhes foi dirigido—aquela referida proposta é aprovada com uma emenda dos delegados do Sindicato Unico da C. G. e Peles; para que a Comissão de estudos sejam agregados mais dois camaradas, cuja nomeação recaiu nos representantes dos litógrafos e dos carregadores e descarregadores de terra e mar do Porto e Gaia.

A moção de ordem do delegado dos marítimos da Foz baixa, pois, a aludida Comissão de Estudo.

Aquele mesmo camarada declara ter rejeitado a proposta do delegado metalúrgico em consequência de lhe coartar a liberdade de defender o seu documento: não sendo apreciado, não pode, logicamente, referir-se a ele.

E lido o relatório e contas da Comissão Pró-vítimas dos Olivais e *A Batalha*, sendo aprovado.

O delegado metalúrgico recordando a passagem do 37.º aniversário dos fusilamentos de Chicago, salda as vítimas da burguesia internacional e exorta o proletariado de todo o mundo, a debaixo da bandeira da Associação Internacional dos Trabalhadores, procurarem vingar todas as vítimas. Uma moção neste sentido é aprovada por unanimidade, com a declaração de voto dos delegados dos litógrafos e vestuário, que desejam essa vingança sob as bandeiras de todas as Internacionais.

O delegado dos marítimos da Foz do Douro, depois de algumas considerações de revolta contra o governo e exploração da moagem e panificação, apresenta um documento pelo qual o Conselho federal da União dos Sindicatos Operários do Porto, tendo conhecimento de que o ministro da agricultura deu à moagem ampla liberdade de roubar o povo consumidor, resolve levantar o seu mais veemente protesto contra tam grande arbitrariedade—e incita o povo trabalhador a exigir da moagem o pão com o peso legal.

Aprovada.

Os delegados do Sindicato Unico do Calçado, Couros e Peles apresentam a seguinte moção-protesto:

«Tendo há dias a imprensa local publicado uma nota de um grupo Núcleo Sindicalista Revolucionário, na qual diziam tomar a seu cargo a acção a desenvolver contra a *chomagne*; tendo ainda o mesmo grupo feito distribuir um manifesto, no qual se faziam referências caluniosas aos militantes da organização operária; o Conselho Federal da U. S. O., reunido, resolve tornar público o seu protesto contra o referido grupo, pela forma desleal como foi publicada a aludida nota officiosa, e contra as insidias contidas no manifesto do citado grupo».

O delegado das Artes Gráficas lê algumas passagens do manifesto, rebatendo-o, e declara que, apesar de novo no meio, ele presas-se de ser sério; quando veio para a organização, aprendeu com os insinuadores, porque eles já cá estiveram.

O delegado dos marítimos da Foz manifesta a sua concordância com a moção-protesto, tanto mais que, sexta-feira pretérita, a quando da comemoração da Revolução Russa pelos nuelistas, rebatera a argumentação destes.

O delegado dos litógrafos declara não votar por escrupulo, pois pretendia que estivesse presente um delegado que defendesse o manifesto.

O delegado da construção civil está absolutamente de acordo com o documento: a responsabilidade cabe aos próprios detractores. Eles só vão para os cafés dizer mal da organização e espalhar outras intrigas.

O delegado do vestuário está em desacordo, fazendo suas as palavras do delegado dos litógrafos.

O delegado dos operários do mobiliário não acha criteriosa a declaração do seu camarada do vestuário, isto é: que não pode votar em consequência de não estar na sala nenhum editor do manifesto, pelo que concorda com o delegado dos litógrafos. E não a acha, porque o próprio declarante faz parte do mesmo núcleo que tirou o manifesto.

Após o delegado dos metalúrgicos dizer que a U. S. O. nada tem com os indivíduos,

Crise de trabalho e baixa de salários

Construção civil do Porto

A comissão administrativa do Sindicato Unico da Construção Civil do Porto, apreciando um officio da Federação sobre a crise de trabalho na industria, resolveu que o Conselho de Secções proceda imediatamente à inscrição de desempregados, sindicados ou não, e inquirir das construções paralisadas, os motivos e os nomes dos proprietários, a fim de informar detalhadamente a Federação, para que esta possa tratar o assumto com conhecimento de causa.

Construção civil de Viana do Castelo

Encontrando-se em Viana do Castelo muitos operários desocupados, o Sindicato da Construção Civil resolveu que uma comissão fôsse enviada ao governador civil e a Junta Geral do Distrito, ácerca das obras que estão paralisadas.

Os corticeiros de Vendas Novas tomam resoluções

VENDAS NOVAS, 14.—Tendo-se esboçado da parte de alguns industriais corticeiros, desta localidade, o propósito de baixar os salários, reuniram os operários da industria em assembleia para debater o assumto, tendo aprovado uma moção, cujas conclusões são: «não aceitar baixa alguma de salário, sem que a mesma seja tratada com a Federação e Secção de Cortiças da Associação Industrial Portuguesa; incitar a Federação a que, no mais curto prazo de tempo, ponha em prática as resoluções do congresso, especialmente na parte que respeita à crise na industria».

Um comicio de protesto na Póvoa de Varzim contra uma pretendida baixa de salários

POVOA DE VARZIM, 14.—Alguns industriais da construção civil desta vila resolveram diminuir 10 % aos salários aos operários que trabalham sob as suas ordens. Em face da attitude destes industriais effectivou-se ontem, a convite dos sindicatos locais, uma reunião magna do operariado que, depois de protestar contra aquela injusta pretensão, resolveu que hoje se effectuasse um comicio de protesto, pelas 14 horas, para o qual foi convidada a fazer-se representar a C. G. T.—C.

Manufactureiros de calçado

Com enorme concorrência, tem reunido em assembleias gerais e magnas, a classe dos manufactureiros de calçado, para apreciar a crise de trabalho que a industria está atravessando, e para opor um dique ao seu desenvolvimento.

Tem-se mostrado a classe disposta a não abdicar das regalias já conquistadas e a fazer várias reclamações no sentido de minorar tanto quanto possível a miséria que já está a invadir os lares.

Ninguém deve, pois, consentir que lhes descomtem nem sequer um centavo na mão de obra.

Já foi aprovado um parecer da comissão de propaganda, cujas conclusões vão ser



Mais um artistico selo de propaganda

arabá de sair com a remodelação de N. BATELLI

CARTA COM 100 SELOS
UM ESCUDO

mas com o manifesto em questão, a moção-protesto é aprovada.

Corticeiros de Vendas Novas.—Em reunião de assembleia geral foram aprovadas as resoluções do 3.º congresso corporativo. Resolveu-se que a cota sindical passe de \$40 para \$50, a partir do próximo mês de Janeiro e que da mesma data em diante não seja permitido trabalhar nesta localidade a quem não tenha caderneta confederal. Tomaram-se resoluções sobre a crise de trabalho e baixa de salários.

Sapateiros de Beja.—A assembleia geral desta classe resolveu que aos camaradas, que ainda não pagaram a sua cota pró-casa dos trabalhadores, o cofre do sindicato lhes emprestasse a quantia necessária.

A associação dos rurais foram entregues 421\$00, para completar a cota deste sindicato, pró-casa dos trabalhadores.

Foi resolvido ainda contribuir com 379\$00 para amortizar um empréstimo feito pelos rurais para o mesmo fim.

Ferrovários do Sul e Sueste.—Delegação de Beja.—Na última assembleia desta delegação constatóu-se que ainda não fora resolvida a situação dos demitidos.

Lida uma declaração de Miguel Correia, que devido à attitude de Plínio Silva pede a demissão de secretário geral do sindicato, foi votada uma moção que dá todo o apoio áquelle e repudiando Plínio Silva. Foram apreciadas as «demarches» junto da administração e do ministro, e as suas respostas sobre aumento de vencimentos.

Construção Civil de Viana do Castelo.—Reuniu a comissão administrativa que entre outros assumtos apreciou o facto de o industrial António dos Anjos Couto ter despedido António Martins Barbedo, carpinteiro, alegando incompetência deste, sendo resolvido que se impoña a sua readmissão.

Sindicato Unico da Construção Civil de Sintra.—Reuniu a comissão administrativa que, entre outros assumtos, tratou da crise de trabalho, resolvendo abrir a inscrição dos desempregados do sindicato, ficando a comissão reorganizadora do sindicato resolvido fazer-se representar na sessão pelo secretário geral, Carlos de Araújo.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Federação.—Tomou conhecimento das sessões realizadas em Messines e Silves, nas quais foi representada por Joaquim Baptista Gonçalves.

Núcleo de Lisboa.—Reuniu a comissão

postas em prática e devem dar óptimo resultado tanto no sentido de evitar que se baixem os salários ou se desenvolva a crise.

Devem, pois, todos estar alerta e atentos às comunicações que são feitas por intermédio de *A Batalha*.

O Sindicato convida todos os camaradas que estejam sem trabalho ou com dias reduzidos, a comparecerem na sede para fazerem a sua inscrição, a fim de bem coordenar os trabalhos encetados.

Operários da Construção Civil de Sintra

O Sindicato da Construção Civil de Sintra e arredores lembra a todos os camaradas sem trabalho a conveniência de se inscreverem na sede, todas as terças e sextas feiras, para o que estará patente um delegado.

A U. S. O. de Évora ocupa-se da crise de trabalho e inicia diligências

EVORA, 1